



A Periferia se Reconhece no Programa “Central da Periferia”? Análise de Recepção dos Jovens do Território de Oportunidades da UFJF e Projeção Identitária.¹

Fernanda Coutinho Sabino²

Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG

Resumo: O presente estudo intenta refletir sobre como os temas do “centro” e da “periferia” entram no discurso da mídia, em um contexto marcado pela fluidez das fronteiras e das trocas simbólicas. Para tal análise, toma-se como estudo de caso o programa “Central da Periferia”, da Rede Globo, o qual pretende trazer uma visão identitária baseada na alternância da lógica binária centro/periferia. Mas será que um discurso que pretende trazer o tema da periferia é reconhecido pela mesma? Para responder à questão, levamos a discussão do programa a jovens da periferia de Juiz de Fora, participantes do projeto UFJF – Território de Oportunidades.

Palavras-chave: Periferia, Identidades, “Central da Periferia”, Recepção.

Introdução

Em contraposição aos discursos homogeneizadores da grande mídia, um tanto atrelados a representações simbólicas baseadas numa suposta e natural rigidez e permanência das posições sociais, analisou-se o programa “Central da Periferia”, como possibilidade de exemplificar de que modo as identidades híbridas constituem o cerne do cenário atual da comunicação. O presente estudo tem por objetivo a discussão sobre a formação das identidades na contemporaneidade e sua projeção pela mídia: a partir da reflexão sobre a representação das “identidades periféricas” feita pelo programa “Central da Periferia”, da Rede Globo, realizou-se pesquisa com jovens de bairros periféricos de Juiz de Fora (participantes do projeto UFJF Território de Oportunidades) a fim de perceber se esses jovens se reconheciam ou não nas “vozes da periferia” veiculadas pelo programa.

O Território de Oportunidades é um projeto do Pólo de Suporte às Políticas de Proteção à Família, à Infância e à Juventude, idealizado pela Faculdade de Serviço Social e conta hoje com a parceria da Faculdade de Comunicação Social, da mesma instituição. O objetivo do projeto é proporcionar uma formação mais ampla e diversificada para jovens da periferia de Juiz de Fora, abrir as possibilidades de suas escolhas para o futuro, bem como acolhê-los no ambiente da UFJF (muitas vezes vista como fechada, distante e inacessível). O projeto oferece oficinas diversas, entre elas de Educação Física, Jornalismo Impresso e Rádio, Informática, Geoprocessamento de

¹ Trabalho apresentado na Sessão Mediações e Interfaces Comunicacionais, da Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante de graduação do 7º período da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora, bolsista do Programa de Educação Tutorial (PET-Facom) e orientando do prof. Dr. Paulo Roberto Figueira Leal. Email: fcsabino@hotmail.com



Dados, Política etc. Atualmente, os 30 jovens são dos bairros Santa Cândida e Granjas Betânia, periféricos geograficamente ao centro de Juiz de Fora.

Sobre os conceitos de “centro” e “periferia” na comunicação de massa

A questão das identidades é um debate central para a compreensão da vida contemporânea em todo o mundo. Num contexto marcado pelo fenômeno da globalização – cujas características centrais são os processos de desregulação estatal, de perda de poder dos estados e da existência de fronteiras nacionais cada vez mais fluidas (sobretudo no que se refere à circulação de bens simbólicos), há óbvias transformações nas representações das identidades tradicionais.

Estas mudanças estão relacionadas principalmente aos modos como as identidades (as nacionais, as étnicas, de gênero, de classe etc.) são projetadas pelos meios de comunicação de massa. Importa hoje analisar, portanto, de que modo a mídia interfere concretamente na maneira através da qual os indivíduos e os grupos se reconhecem e se percebem partilhando uma identidade unificadora.

O espírito de nosso tempo lança seu olhar sobre o problema da identidade sob uma perspectiva distinta da que fora até então vislumbrada desde o início da modernidade. Em um mundo globalizado, varrido pelo massivo avanço tecnológico e pela alta velocidade de informações e de ações, marcado pelo hibridismo das formas e dos conteúdos simbólicos (CANCLINI, 2003), encontram-se as identidades cada vez mais diluídas, fluidas.

Na era líquido-moderna, de identidades *em movimento* e “deslocadas” de um lugar rígido, fixo e bem delimitado, em que as representações do real são lançadas na frouxidão de fronteiras e dos enlaces sociais, históricos e culturais, fala-se de “identidades em diáspora”, pertencentes a um não-lugar/entrelugar, estrangeiras e oscilantes.

Em um contexto mundial onde é cada vez mais intensa a presença daquilo que Bauman denomina de “identidade de subclasse” (BAUMAN, 2005), dos desterritorializados (desprovidos de comunidade/reconhecimento) marcados pela exclusão/negação, a construção da identidade opera sob a lógica do identificar-se com..., moldando estereótipos e preconceitos, criando fossos e muros mais e mais intransponíveis. A delimitação de fronteiras se dá em função da iminente ameaça de colapso da identidade ocasionada pelo choque com os muitos “Outros” que se revelam no horizonte da economia globalizada. Diante desse risco algumas manifestações identitárias são marcadas pela negação do diferente, do líquido hibridismo das formas a fim de (tentar) se preservar solidamente, de tal sorte que se chega ao *tudo o que não é europeu é bárbaro*. Mas tudo o que não está do *lado de cá é bárbaro*? O que nos identifica? O que nos diferencia?



Não há uma única fonte de sentido para atribuir limites entre o que *é* e o que *não é*. “A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia” (Hall, 2005, p. 13). O espaço inaugurado pela modernidade tardia é justamente o espaço próprio da linguagem híbrida, das formas não-dicotômicas de se assumir e perceber o real e seu dizer. O impacto dessa linguagem faz da identidade um conceito híbrido.

A cultura, por sua vez, em suas múltiplas facetas, molda a identidade através da oferta de meios simbólicos que desarmam os projetos de homogeneização. A cultura molda-se através do choque com o diferente. Ela situa a todos de frente uns para os outros e possibilita, assim, a releitura do diferente, reconhecendo-o como partícipe da produção cultural e da formação do tecido identitário, deixando à mostra a volatilidade do que se pensava sólido e essencialmente constituído.

Situando esta discussão no contexto da comunicação – o que este trabalho se propõe a fazer – diante das questões que envolvem as identidades e suas diferenças relacionadas à categoria de periferia e centro, a mídia pode vir a ocupar importante papel de remarcação/desconstrução de fronteiras ao situar todos *em de face de todos*. A mídia posiciona-se como detentora de um papel privilegiado de elocução quando se situa olhando a partir de dentro o que está de fora, trazendo, assim, o fora para dentro e evidenciando que o fora e o dentro se pertencem e se misturam no hibridismo do encontro. Mais. Faz revelar que informar (sobre o outro) para abrir horizontes ainda é um caminho importante para se produzir encontros.

E o lugar da cultura na sociedade muda também quando os processos de globalização econômica e informacional reavivam a questão das identidades culturais – étnicas, raciais, locais, regionais – até o ponto de convertê-las em dimensão protagonista de muitos dos mais ferozes e conflitos bélicos dos últimos anos, ao mesmo tempo em que essas mesmas identidades, mais as de gênero e as de idade, estão reconfigurando a fundo a força e o sentido dos laços sociais e das possibilidades de convivência no nacional. (BARBERO, 2004, p.229)

Entretanto, esse potencial de reconfiguração identitária, de reorganização da lógica dos modelos de representação simbólica deve ser analisado e utilizado com cuidado. Para atender ao mercado, abranger mais consumidores, é possível que a mídia processe as diferenças no caminho de sua folclorização – tomando o diferente como exótico e esvaziando seu sentido – ou ainda nivelando as diferenças para facilitar sua inclusão no mercado global, produzir material de consumo e vender mais produtos “culturais”.

Para Canclini é natural que muitas vezes o que é diferente e periférico resista em hibridar-se, modificar-se, fundir-se com outras tendências e a cultura seria o espaço aberto a essa



possibilidade. Todavia, com a necessidade, quase automática, de se desmanchar as arestas da diferença, essa resistência é substituída pelo discurso frágil da igualdade. Quanto mais parecidas entre si forem as representações culturais, mais regiões (no caso do Brasil, tão extenso e diverso) poderão consumir mais dos mesmo produtos midiáticos.

Uma visão simplificada da hibridação, como a propiciada pela domesticação mercantil da arte, está facilitando vender mais discos, filmes, programas televisivos em outras regiões. Mas a equalização das diferenças, a simulação de que se desvanecem as assimetrias entre centros e periferias tornam difícil que a arte e a cultura sejam lugares em que também se nomeie o que não pode ou não se deixa hibridar. (CANCLINI, 2003, p. XL)

Como uma faca de dois gumes, a mídia pode então exercer encontros ou desencontros identitários, pode romper ou não com os padrões de representação simbólica. Trazer para a discussão o que é periféricamente estabelecido, reconfigurar os conceitos do que é ou não central pode ser uma abertura ao diálogo entre as diferenças. Entretanto, os meios de comunicação de massa, guiados pelos índices de audiência e do lucro, acabam por veicular discursos midiáticos, muitas vezes, moldados pela lógica da hegemonia e do globalismo do mercado de consumo. A mídia pretende vender estilos de vida.

As corporações da mídia e entretenimento exercem um duplo papel estratégico na contemporaneidade. O primeiro diz respeito à sua condição peculiar de agentes operacionais da globalização, do ponto de vista da enunciação discursiva. Não apenas legitimam o ideário global como também o transformam no discurso global hegemônico, propagando visões de mundo e modos de vida que transferem para o mercado a regulação das demandas coletivas. A retórica da globalização intenta inculcar a convicção de que a fonte primeira de expressão cultural se mede pelo nível do consumo dos indivíduos. [...] Esse tipo de argumentação implica, como contrapartida não declarada, a deslegitimação ideológica de qualquer formulação alternativa ou contestatória” (MORAES, 2003, p.187)

Neste sentido, o discurso hegemônico dos meios de comunicação de massa tem linguagem de “autovalidação” (ibid, p.188), autojustificação e no fim das contas outras formas de linguagem mostram-se enfraquecidas. A máquina comunicativa “[...] constrói tecidos sociais que esvaziam, ou tornam ineficaz, qualquer contradição; cria situações nas quais, antes de neutralizar coercitivamente a diferença, parece absorvê-la num jogo insignificante de equilíbrios autogerados e auto-reguladores” (HARDT e NEGRI, 2004, p.53).

A fim de investigar essa contraposição entre “centro” e “periferia” no cenário midiático, a presença ou não desse diálogo entre identidades no discurso dos meios massivos, o passo seguinte



deste estudo será a descrição e análise de um programa da Rede Globo que pretende trazer para a cena da grande mídia o discurso do que é diferente, marginal, periférico. Paradoxalmente veiculado por uma grande rede de comunicação, “Central da Periferia” intenta dar voz a algumas periferias do mundo, colocando o espectador no face a face com realidades aparentemente distantes.

O objetivo anunciado do programa não seria folclorizar a diferença, nem reproduzir o discurso da hegemonia mercadológica mundial. Segundo Regina Casé, apresentadora e uma das idealizadoras do programa, “a periferia é o mundo”, a periferia é o centro, o centro é a periferia. Na terceira parte do texto, será feita uma análise qualitativa/quantitativa a respeito da recepção deste programa por jovens de bairros periféricos de Juiz de Fora. Será que eles se reconhecem em um discurso que pretende trazer para a TV a cena da periferia?

“Central da Periferia” e o discurso da margem

Os três episódios de “Central da Periferia” aqui analisados foram acessados através do arquivo no blog www.centraldaperiferia.globoblog.com. A escolha dos episódios para essa pesquisa buscou uma aproximação da temática abordada no programa com a situação social-econômica vivida pelos jovens do programa UFJF Território de Oportunidades. A maior parte dos episódios tinha caráter antropológico, voltado para ritos ou manifestações culturais próprias de determinados países, como o culto à Santa Morte no México, por exemplo. A escolha dos temas a serem apresentados ao grupo foi baseada em questões sociológicas, como busca por emprego, discriminação por etnia e pelo local onde mora etc.

Os episódios foram: “Vai começar a viagem”, uma introdução para o espectador sobre a proposta do programa; “A periferia de Paris” e “Zona de Conflito”, ambos tratando sobre problemas econômicos e sociais da periferia de Paris – cidade geograficamente distante, mas que apresenta configurações as quais podem ser próximas à realidade das periferias brasileiras. Essa relação de proximidade entre dois contextos aparentemente distantes – Paris e Brasil – também foi analisada junto aos jovens a fim de observar se existe um compartilhamento identitário de cenários periféricos.

Para estudo sobre o programa foram utilizados textos e entrevistas postados no blog pela equipe do programa e por pesquisadores do tema da periferia. “Central da Periferia” foi transmitido pela Rede Globo, aos domingos, no Fantástico, do dia 09/09/2007 ao dia 23/12/2007. A apresentadora, e também uma das idealizadoras do projeto, foi Regina Casé.



A título de contextualização, vale ressaltar que o programa surgiu em 2006 para “colocar em debate a nova relação entre as produções culturais do centro e da periferia pelo Brasil afora” (Estevão Ciavatta, diretor geral do programa, ao blog). O formato escolhido foi o de programa de auditório, nos quais eram apresentadas diversas representantes das novas tendências culturais periféricas brasileiras, como o funk carioca, o novo pagode do Rio e São Paulo, o forró pop cearense, o hip hop de Recife e São Paulo, entre outros. Findada essa série, surgiu a necessidade de entender melhor o que acontecia na periferia brasileira a partir da comparação entre ela e as periferias do mundo. Por isso, em 2007 o “Central da Periferia” tornou-se internacional.

A equipe viajou pelas periferias dos seguintes países: México, Angola, Paris e Brasil. Em todos esses lugares, o programa pretendeu mostrar como se constroem algumas representações simbólicas de identidade, como se estabelecem e se diluem fronteiras entre identidade e diferença e como aquilo que é situado “fora de contexto” exerce importância capital no que está “dentro” e vice-versa, evidenciando que o periférico e o central se implicam mutuamente.

Em “Vai começar a viagem”, transmitido no dia 06/09/07 pela Globo, o tema do primeiro programa tratou da migração dos habitantes da zona rural para a zona urbana, resultando na favelização dos grandes centros. Segundo dados do programa, em todo o mundo hoje, setenta milhões de pessoas deixam o campo para morar nas cidades. Pela primeira vez na história a população das cidades é maior do que a do campo. Regina Casé apresentou dados da ONU nos quais vinte e cinco milhões de pessoas vão para as favelas todo ano (o que representa quase três vezes a população da cidade do Rio de Janeiro). Mais: há cerca de um bilhão de pessoas vivendo em favelas em todo o mundo. Se nada for feito, esse número vai dobrar até 2030, o que significa que um terço da população mundial estará vivendo em favelas.

Feitas as considerações em números a respeito da circulação de pessoas da zona rural para as cidades e do conseqüente crescimento das favelas, Casé partiu para análises qualitativas a respeito de algumas características da periferia, mais especificamente daquelas que seriam retratadas pelo programa. Para a apresentadora a periferia é o lugar da “beleza e do caos”, um espaço híbrido, uma mistura de criatividade, alegria e heterogeneidade com dificuldades, problemas, misérias. Para Casé, a periferia é “uma panela de pressão pronta a explodir”. E em uma espécie de resumo sobre todos os programas que ainda serão exibidos, “Central da Periferia” mostra os mercados informais do México, o pagode brasileiro em Angola, a revolta na periferia de Paris.

“A periferia de Paris”, exibido no dia 11/09/07, foi o segundo programa apresentado aos jovens do Território de Oportunidades. Nesta exibição Regina Casé contrapõe em imagens e palavras características culturais do centro de Paris (o teatro Comédie-Française, por exemplo)



que recebem apoio substancial do governo francês à periferia da cidade, separada pelo “anel periférico”, onde centenas de famílias não conseguem emprego por morarem às margens do centro.

Casé visitou o Chanteloup Les-Vignes, uma espécie de “Cohab” francesa. A escolha do lugar, pela equipe do programa, foi baseada no filme “La Haine” (O Ódio) por ele ser semelhante ao conjunto habitacional brasileiro Cidade de Deus. Milhares de habitantes de Chanteloup Les-Vignes passam quase todo o dia fora, procurando emprego no centro da cidade. Cerca de 40% das famílias de lá são desempregadas. Algumas estão há quatro gerações sem qualquer tipo de trabalho remunerado. A dificuldade decorre em parte do lugar onde moram – uma das moradoras entrevistadas, Nini, chega a comentar que o endereço no currículo atrapalha a oferta de trabalho – e em parte da etnia – na periferia francesa há uma forte mistura racial fruto das colonizações francesas na África, principalmente.

Dando continuidade ao assunto concernente às dificuldades enfrentadas pelos moradores da periferia da França, o episódio exibido aos jovens do Território foi “Zona de Conflito”, transmitido no dia 25/10/07 pela Globo. Este programa amarra-se ao anterior uma vez que retrata o conflito de novembro de 2005 ocorrido na periferia francesa, em decorrência das condições de exclusão e preconceito às quais seus moradores estavam – e ainda estão – submetidos. Clichy, um dos grandes subúrbios da França, passou dias de fogo, literalmente. O conflito estourou após dois jovens franceses, filhos de imigrantes, terem morrido em consequência de uma abordagem policial violenta. Eles saíram de uma partida de futebol e foram abordados pela polícia. Segundo a narrativa de Casé, em Clichy, é comum os jovens terem muito medo da polícia – já houve outras situações de abordagens policiais arbitrárias. Os jovens se esconderam, saíram correndo e pularam um muro. Os dois caíram em um transformador elétrico. Os policiais, vendo que estavam em uma situação perigosa, foram embora e os jovens morreram. As revoltas pioraram quando o atual presidente da França, o então ministro do interior, Nicolas Sarkozy, foi à TV defender os policiais. O efeito foi devastador.

Essa narrativa de Casé se deu em uma conversa com um dos moradores de Clichy, o qual participou ativamente do conflito, com o uso de sua arma: uma câmera filmadora. Daí surgiu um filme: “365 dias em Clichy”, dirigido e produzido por ele, Ladj Ly. Ele explicou a Regina Casé que o filme é muito diferente do que a mídia mostrou no conflito porque é visto da perspectiva de quem está “dentro”. As revoltas, os carros que foram incendiados, os ataques à polícia eram uma espécie de: “Olha eu aqui, eu existo”. Ladj falou também da importância em se produzir o próprio filme, a própria história. E neste caso, a câmera foi arma mais eficaz do que uma arma de fogo.



Clichy tem cerca de 30 nacionalidades diferentes na população que habita o conjunto. Em outras regiões periféricas da França a heterogeneidade étnica é semelhante. São filhos de franceses, mas descendentes de africanos por exemplo, e por isso não são considerados como franceses de fato pelo país. Ao mesmo tempo, não são considerados como africanos pelo país de onde a família originou-se. De onde são afinal? Ficam à margem econômica e social da França, com a sensação de não serem vistos por ninguém. Segundo Regina Casé, “a periferia é uma panela de pressão pronta a explodir”. Em Clichy ela explodiu.

Análises de recepção de “Central da Periferia” com os jovens da periferia de Juiz de Fora

Os episódios descritos acima foram exibidos para os jovens do projeto UFJF Território de Oportunidades, seguidos de uma pesquisa qualitativa/quantitativa a respeito da relação que esses jovens criaram ou não com o programa. Utilizou-se a metodologia do grupo focal. Foram acrescentados procedimentos quantitativos por conta das características do grupo. São moças e rapazes que participam pouco das discussões das oficinas e diante de pessoas estranhas ao grupo – como um palestrante, por exemplo – ficam ainda mais introspectivos. Portanto, chegou-se à conclusão de que a presença de uma câmera que registrasse uma possível conversa seria ainda mais constrangedora. Assim, além do grupo focal, foi utilizado um questionário aberto, com perguntas mais subjetivas e que levariam a respostas de maneira mais indireta. A intenção do questionário era verificar se esses jovens de bairros periféricos de Juiz de Fora se reconheciam em algum momento do programa exibido, o qual pretendeu ser uma expressão da periferia em uma grande mídia.

Antes de os jovens assistirem aos vídeos e responderem ao questionário foi feita uma conversa sobre a relação entre centro e periferia. Era preciso sentir como eles se situavam nesses conceitos. Foi percebida alguma noção a respeito de expressões como “movimento periférico de contestação” e “cultura periférica”, apesar de algumas confusões, como por exemplo: para eles o movimento gay era um movimento do centro. Também foi observado que, mesmo esses rapazes e moças sendo da periferia de Juiz de Fora, eles têm uma forte tendência a olhar para o termo “periferia” pejorativamente. Para eles ainda é estranho olhar para uma manifestação cultural da periferia como algo que realmente tem valor. Apesar de a participação oral deles ter sido pequena, muitos deles entendiam o conceito de centro a partir apenas de seu conceito geográfico: “O centro é melhor, tem mais gente, mais movimento”, comentou Igor, de 17 anos.

Dos quinze jovens participantes das oficinas, doze estavam presentes e participaram das atividades. Desses doze, todos são de escolas municipais ou estaduais, têm entre dezesseis e



dezenove anos e são dos bairros periféricos Granjas Betânia e Santa Cândida, de Juiz de Fora. Entre eles, cinco já haviam assistido ao programa e sete não.

Após essa conversa inicial, todos assistiram aos vídeos e depois de discutirem, responderam ao questionário. A primeira pergunta foi a seguinte: Você já tinha assistido ao programa antes? Qual a sua opinião sobre ele?

Weberth – 17 anos – “Não assisti. A minha opinião é que eu não tive uma opinião diferente da periferia, porque vivendo no Santa Cândida você vê a realidade desde criança”.

Bruna – 17 anos – “Sim, já tinha assistido. Gosto dele, pois mostra o que realmente acontece nas periferias, sem mudar a versão do que eles vêem e do que escutam”.

As respostas de Weberth e Bruna demonstram reconhecimento entre a linguagem do programa e o cenário onde vivem. Eles se sentiram partilhando de uma identidade comum entre a periferia de Juiz de Fora e a de Paris. Ao mesmo tempo, expressaram que o relato sobre as características da periferia manteve-se alinhado ao que eles vivenciam. Essa é uma das pretensões do programa: dar voz à periferia para deixá-la contar sua história. Os Estudos Culturais defendem esse posicionamento: “[...] é a própria voz do subalterno que está em jogo” (PRISTON, 2004, p.8), como uma espécie de revisão do cosmopolitismo e reconfiguração dos conceitos de cultura periférica.

Essa discussão também se aplica à opinião de Igor sobre “Central da Periferia”. O rapaz se surpreendeu por haver periferia também na cidade de Paris, a qual é predominantemente tratada na mídia apenas a partir de seu centro.

Igor – 17 anos – “Não tinha assistido, mas achei interessante porque ele mostra que não é só no Brasil que tem periferia, mas também uma cidade como Paris que nos jornais ou programas de televisão só retrata as paisagens bonitas e monumentos desse lugar”.

A segunda pergunta foi: De qual momento você mais gostou, de qual não gostou? Por quê?

A resposta mais freqüente a respeito do que eles não gostaram foi: a revolta em Clichy. Muitos acharam o movimento violento. A parte mais apreciada diz respeito à presença da música de um grupo de pagode brasileiro, Revelação, em uma festa de Luanda – essa cena aparece no primeiro episódio, quando Casé faz a apresentação de alguns momentos que serão exibidos ao longo de todos os programas.

Weberth – 17 anos – “Gostei quando ele coloca um pagode aqui do Brasil. Porque eu pensei que eles gostavam de outra coisa”.

Ianini – 18 anos – “Gostei muito da hora que as pessoas cantaram o pagode do grupo Revelação e não gostei da hora em que ela [Regina Casé] entra na periferia e a cara deles [franceses] não foi das melhores, fiquei com um pouco de medo”.

A presença do pagode brasileiro na periferia de Angola promoveu uma aproximação entre cenários aparentemente distintos. Se o grupo Revelação toca em uma boate de Luanda e agrada aos angolanos – que sabiam cantar a música de cor – não há preferências em comum entre eles e os jovens de Santa Cândida e Granjas Betânia? A cultura promove encontros e possibilita a releitura do que parece diferente. Se para Ianini e Weberth os moradores de Luanda não sabiam o que era pagode, a partir do que foi exibido no programa agora eles têm algo em comum.

O mesmo aconteceu na situação inversa. A cultura brasileira muitas vezes serviu de passaporte a Regina Casé nas periferias de Paris. Ao chegar em Clichy para fazer a reportagem, ela teve dificuldades em conseguir entrar no conjunto habitacional, pois os moradores têm uma grande resistência a jornalistas – na época dos conflitos, segundo a versão dos moradores, os jornalistas distorceram os acontecimentos. Daí, Casé mostrou a alguns moradores de lá o filme “Cidade de Deus” – imediatamente reconhecido pelos moradores – e mostrou também o “Central da Periferia” do ano anterior – o programa de auditório. Neste programa, ela mostrou por exemplo, apresentações de Mc Sapão e Tati Quebra-Barraco. Logo em seguida, toda a tensão entre os moradores de Clichy e a produção do programa foi quebrada. Esse momento também chamou a atenção de alguns dos jovens do Território:

Igor – 17 anos – “Gostei mais na hora que eles [franceses] reconhecem que era do filme brasileiro que a Regina Casé estava falando e o que eu não gostei foi na hora da revolta deles”.

Wellington – 18 anos – “Eu gostei da parte que os homens de Paris escutaram a música do Mc Sapão. Eu não gostei da parte quando o presidente [da França] defendeu a polícia”. [Na verdade, o presidente a que Wellington se refere é Nicolas Sarkozy, na época ministro do interior].

Uma reação contrária foi observada:

Franciane – 17 anos – “Gostei da cidade do México. Porque as pessoas lá são simpáticas [Esse trecho também pertence ao primeiro episódio do programa]. Eu não gostei da Cidade de Deus”.

A terceira pergunta foi: Qual a sua opinião sobre as dificuldades que os jovens da periferia da França têm em arrumar emprego por causa de sua etnia e do lugar onde vivem?

Todos viram as dificuldades dos jovens de Paris como um problema principalmente fruto do preconceito. A resposta de Ivone, 18 anos, diferenciou-se um pouco das demais, pois ela apontou o problema das exclusões sociais com algo normal, presente em qualquer lugar.

Ivone – 18 anos – “É um absurdo, mas ao mesmo tempo normal, pois no mundo em que vivemos há muita exclusão racial e social”.



Thaís – 16 anos – “Eu acho que o que acontece lá acontece também em qualquer outro lugar. E isso é uma falta de respeito, pois todos temos os mesmos direitos, independente de sua classe, religião ou etnia”.

Franciane – 17 anos – “Eu acho que as pessoas mais ricas têm que abrir os olhos, não é só porque é negro e favelado que é bicho. Também eles sabem fazer coisas (trabalhar) que muitos brancos não sabem fazer”.

Em tempos de modernidade tardia o preconceito (em suas mais diversas manifestações) é resultado desses múltiplos encontros entre identidades diversas e complexas tão acostumadas a se guiar a partir de estereótipos. No episódio exibido, a discriminação mostrou-se uma dificuldade para a inserção bem sucedida no mercado de trabalho. O termo “identidade de subclasse”, usado por Bauman (BAUMAN, 2005) para se referir aos desterritorializados, aos desprovidos de comunidade e reconhecimento se aplica a esses jovens da periferia de Paris. Ademais, aos jovens juizforanos. A conexão entre eles aparece na quarta pergunta, a qual voltou-se para a questão brasileira: No Brasil também existe esse tipo de problema? Comente a respeito.

Weberth e Igor de 17 anos tocaram no tema da discriminação pela aparência, aqui no Brasil.

Igor – 17 anos – “Sim, na maioria das vezes as pessoas são discriminadas devido à sua cor, aparência até pelo traje que essa pessoa veste, por exemplo: em um shopping é muito difícil de se ver uma loja de luxo só com vendedoras negras, é o caso do preconceito”.

Weberth – 17 anos – “Claro que sim, no centro de Juiz de Fora têm vários lugares que se você estiver mal vestido você nem entra”.

Para Juliana, 17 anos, o problema existe, mas não é tão intenso como na França.

Juliana – 17 anos – “Existe um pouco, mas não é tanto, as pessoas conseguem arrumar emprego no Brasil sim. Pode demorar, mas arrumam”.

Para Ianini, 18 anos, o problema no Brasil é se responsabilidade dos governantes.

Ianini – 18 anos – “O Brasil é um país de muitas desigualdades, mas na minha opinião isso é falta de organização dos governantes que não estão nem aí”.

A quinta pergunta foi a seguinte: Qual a sua opinião sobre a revolta desses jovens [franceses] contra o governo?

É interessante observar que, muitos dos que responderam que não gostaram da revolta em Clichy, na primeira pergunta, responderam nesta que achavam correto a manifestação dos jovens franceses.

Bruna – 17 anos - “Acho que a revolta deles, apesar de ter causado estragos, foi boa porque a atitude deles foi feita para obterem o mínimo de ‘reconhecimento’ e ‘respeito’”.



Jéssica – 17 anos – “É como disse no programa: - ‘A favela é uma panela de pressão e uma hora ela explode’. Foi o que aconteceu, a revolta dos moradores não foi deixada de lado. Ou seja, a panela explodiu”.

A sexta pergunta voltou-se para a situação de vida deles, jovens da periferia de Juiz de Fora: Assistir a esse vídeo te fez lembrar de alguma situação parecida em sua vida? Qual?

Entre as respostas, seis responderam que “NÃO” apenas. Dois responderam que “NÃO”, pois ainda não procuraram emprego. Welington, 18 anos, respondeu que “NUNCA”, só aconteceu “briga com um”. Três responderam que “SIM”:

Jéssica – 17 anos – “É difícil explicar. As pessoas estão desprezando quem está a sua volta. É cada um por si”.

Bruna – 17 anos – “Me faz lembrar da revolta de algumas pessoas que ao procurar emprego, se sentem excluídas e julgadas incapazes de assumirem compromissos, cargos etc. Tudo devido ao preconceito”.

Stefani – 19 anos – “Sim, várias situações”.

A quantidade de respostas “NÃO” aparentemente surpreende. Em todas as questões anteriores houve nítida relação entre a percepção dos jovens sobre suas vidas e as situações do vídeo. Quando a pergunta ligou diretamente os dois contextos, metade das respostas foi “não”. Entretanto, como o último vídeo abordava especificamente a revolta armada da periferia francesa, supõe-se, pelo estilo das respostas, que os jovens levaram em conta esta situação apenas. Inclusive a formulação da pergunta poderia ter sido outra: ao invés de “assistir a esse vídeo”, seria “assistir a esses três vídeos”.

A última pergunta foi: Na sua opinião esse programa leva para a TV características de algumas periferias? (Se a resposta for “SIM”, quais características? Se a resposta for “NÃO”, por quê?)

Onze responderam que “SIM”: leva a cultura, o talento, a união, o lazer, a realidade das periferias. Também citaram: localidade, número de habitantes, situação econômica. É interessante observar que a maioria dos jovens do Território de Oportunidades apontou que as principais características narradas pelo “Central da Periferia” sobre as periferias eram positivas. Talvez essas respostas sejam bastante sintomáticas quanto à possibilidade do programa rearticular os conceitos de centro/periferia. Se realmente o que ficou de registro para esses jovens foi o olhar sobre o cenário periférico, como um lugar de onde também se pode extrair referências simbólicas, o pretense objetivo da série da Globo foi alcançado. A resposta de Ianini sintetiza as outras:



Ianini – 18 anos – “Acredito que sim, que a periferia também tem cultura, lazer e que não existe só pessoas a fim de brigar e favelados”.

Dentre as onze, três relacionaram a situação apenas com as favelas do Rio. Esses responderam as perguntas como se estivessem falando a respeito de situações muito próximas, mas relacionaram as cenas da periferia da TV especificamente com a cidade do Rio de Janeiro. É o caso de Juliana:

Juliana – 17 anos – “Acredito que seja um pouco a realidade das favelas do Rio de Janeiro, onde se encontram muitos jovens pobres e negros em busca de emprego e não tem essa oportunidade, por isso são levadas a entrar no mundo do crime”.

É provável que a cidade do Rio seja hoje a mais estigmatizada sob o tema da violência, da favelização, da marginalização. Em parte por causa de um histórico real de problemas entre o centro e a margem – nada que toda grande cidade não tenha – e em parte devido ao excesso de enfoques midiáticos sobre o assunto. Por isso, pode-se dizer que provavelmente para alguns desses jovens seja mais fácil relacionar a imagem das periferias a uma outra imagem sólida e estereotipicamente constituída sobre periferia, do que com o próprio ambiente em que se vive.

Portanto, é possível dizer que houve uma relevante compatibilidade entre características da periferia narrada em “Central da Periferia” e a realidade sentida pelos jovens do Território de Oportunidades em seus bairros. A maioria das respostas sobre o assunto confirmou a existência de representações simbólicas parecidas em discursos de periferias distintas. Todavia, houve também a presença de contradições entre algumas respostas, o que deixa dúvidas sobre a extensão dessas semelhanças. Em última instância pode-se afirmar que “Central da Periferia” reconfigurou paradigmas estabelecidos até então no imaginário desses jovens: o que parecia distante e diferente tornou-se mais próximo; o que estava próximo foi revisto.

Conclusão

O objetivo deste estudo foi avaliar se existe ou não reconhecimento de jovens da periferia de Juiz de Fora por um discurso que pretende ser periférico, do programa “Central da Periferia”. A projeção deste discurso na mídia causa uma sensação de compartilhamento e reconhecimento de uma identidade em comum por esses jovens?

Na pesquisa de recepção aqui realizada pode-se dizer que de alguma maneira esse reconhecimento aconteceu. A discussão sobre os conceitos de centro e periferia com os jovens do projeto UFJF Território de Oportunidades (seguida de apresentação dos episódios do programa e resposta ao questionário) demonstrou identificação entre seus contextos e os temas abordados



tanto nas discussões de grupo como no programa da Globo. Para todos os jovens o programa traz a realidade das periferias, ou seja, cria um espaço narrativo próximo ao que os Estudos Culturais propõe: o subalterno que conte a sua história.

Mais do que perceber tal identificação, foi possível com as discussões e apresentações dos programas reorganizar alguns conceitos e simbolismos sobre a temática “centro/periferia”. As manifestações culturais periféricas mostradas no programa tiveram relevância no processo de releitura do que aparentemente é diferente e distante. Pode-se citar como exemplo a surpresa dos jovens quando viram o pagode brasileiro tocando em uma boate angolana, ou mesmo quando assistiram os moradores de Clichy reconhecendo o funk do Mc Sapão. Se os habitantes dessas regiões distintas partilham de uma mesma produção cultural, eles não têm algo que os une?

Outro ponto importante a ser concluído é a semelhança sentida pelos jovens do Território de Oportunidades com relação aos preconceitos – em suas diversas manifestações – vividos por eles e pelos jovens da periferia francesa. Morar em Chanteloup Les-Vignes ou em Granjas Betânia pode trazer dificuldades muito parecidas nas tentativas de inserção no mercado de trabalho, por exemplo. A universalidade do problema pode ser encarada como uma das conseqüências da modernidade tardia, em que cada vez mais os estereótipos são guias para as construções das representações simbólicas em todo o mundo. Assim, o que foge aos modelos vigentes no contexto social e cultural encontram dificuldades de inclusão e reconhecimento perante a comunidade.

“Central da Periferia” é, portanto, um exemplo de produto midiático, veiculado por uma grande empresa de comunicação, que rearticula a lógica binária periferia/centro, remodelando esses conceitos. A presença de programas como esse nos veículos de comunicação de massa pode, mesmo que de maneira muito sutil, alterar a hegemonia cultural de veiculação de padrões centrais. A mídia é o espaço de reinvenção de conceitos, onde o que está dentro e o que está fora pode ser re combinado. No episódio da revolta de Clichy, em “Central da Periferia”, o jovem francês Ladj usou sua câmera como uma arma, registrando o conflito sob o ponto de vista de quem estava olhando de dentro. Para ele, isso fez toda a diferença. Diferença que se manifesta também nos processos de recepção do programa pelos jovens da periferia de Juiz de Fora, capazes de fazer a realidade francesa dialogar com a vivenciada em seus bairros.

Referências Bibliográficas

BARBERO, Jesus Martín. **Dos meios às mediações:** comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1997.



BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BLOG Central da Periferia. Rio de Janeiro: Rede Globo, 2007. Apresenta os vídeos exibidos em “Central da Periferia” e textos referentes ao conteúdo e objetivo do programa, assim como textos sobre assuntos correlatos. Disponível em: <www.centraldaperiferia.globoblog.com>. Acesso em: 10 abr. 2008.

BRAGANÇA, Maurício de. **Entre a transculturação e o hibridismo**: uma questão de identidade para a América Latina. *XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação*, Salvador, BA, 2002. Disponível em: <<http://www.reposcom.portcom.intercom.org.br>>. Acesso em: 20 fev. 2008.

CANCLINI, Nestor García. **Culturas híbridas**. São Paulo: Edusp, 2003.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A 2005.

_____. **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. (Organizado por Liv Sovik). Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2006.

HARDT, Michael; NEGRI, Antonio. **Império**. Rio de Janeiro: Ed. Record, 2004.

MORAES, Denis de (Org). Por uma outra comunicação. In: **O capital da mídia na lógica da globalização**. Rio de Janeiro: Record, 2004.

PRYSTHON, Ângela. Interseções da teoria crítica contemporânea: estudos culturais, pós-colonialismo e comunicação. *Revista Eletrônica e-compós*. Edição 1, Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, 2004. Disponível em: <<http://www.compos.org.br/e-compos>>. Acesso em: 15 jan. 2008.

_____. **Margens do mundo**: a periferia nas teorias do contemporâneo. *Revista Famecos*, Porto Alegre, n. 21, ago. 2003.

SABINO, Fernanda Coutinho; SCORALICK, Klinger. **Mídia e identidade no contexto latino-americano**: “Central da Periferia” e a lógica da hibridização. *XII Colóquio Internacional sobre a Escola Latino-Americana de Comunicação (Celacom)*, São Paulo, SP, 2008.

SILVA, Tomaz Tadeu da; HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn (Org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis: Vozes, 2000.